

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio do Povo

Class.: PII PINK 2010

Data 27/03/68

Pg.: \_\_\_\_\_

## BANDITISMO CONTRA OS ÍNDIOS

27/3/1968

(Especial para o "Correio do Povo")

Waldemar de Vasconcellos

A carta de Pero Vaz de Caminha, grande documento literário, etnográfico, geográfico e histórico, dando notícias ao rei da descoberta da terra brasileira, é a primeira informação sobre o espírito de confiança e de paz dos índios em face da gente estranha e para eles em tudo surpreendente, que lhes apareceu no litoral balano. Teriam que se apavorar à vista das caravelas de imponentes panos e daqueles homens jamais imaginados, em pânico sob a angústia de fantásticas interrogações, se os selvagens que assistiram à primeira missa não tivessem uma tranquilidade de acolhimento digna de almas angélicas. Esta hipóbole não é idealização de Gonçalves Dias ou José de Alencar. É realidade que o escrivão da frota registrou na carta célebre.

Pedro Álvares Cabral preparou uma cenografia para receber com honra à bordo da sua capitania dois índios, a título de embaixadores dos habitantes da terra descoberta. Fidalga ingenuidade do bravo navegador. Mandou colocar tapetes no convés, formada a guarnição. Vestido com a sua melhor farda de almirante, sentado numa cadeira de espaldar alto, recebeu solenemente os dois homens bronzeados e nus, que sem hesitação, atendendo a sinais, concordaram em subir a bordo. Ofereceram-lhes vinho, de que não gostaram. Depois de algum tempo, entediados daquela cena, sem curiosidade de explicações mímicas, deitaram-se nos tapetes e adormeceram. Sim, adormeceram, como prova de confiança absoluta.

Quando começou o ludíbrio já com os primeiros colonizadores, perseguidos, escravizados, assassinados, aos arcabuzes dos brancos cúpidos responderam os arcos reesados em legítima defesa. E a guerra nunca mais cessou, até os dias de hoje de banditismo contra os índios.

Nessa batalha de séculos, houve lágrimas de amor quando morreu Anchieta, houve o apostolado religioso de jesuítas e clérigos de outras ordens, e houve o apostolado humanitário de Rondon. Mas estes santos exemplos, nem o mais elementar sentimento de piedade, não comoveram as almas duras e sequiosas de lucros do demônio dos 134 já indiciados, e muitos outros ainda o serão, entre os quais dois ex-diretores, no inquérito de crimes contra os índios e seu patrimônio, praticados por funcionários do extinto Serviço de Proteção aos Índios.

Gonçalves Dias, no Canto do Plaga, em versos de intensa dramaticidade, apresenta na voz do pajé a profecia das desgraças

que vinham nas caravelas do descobrimento: "Ó guerreiros da tribo Tupi! Ó guerreiros, meus cantos ouyi! O meu sangue gelou-se nas velas/ Erio vento no rosto senti/ Pelas ondas do mar sem limites/ basta selva sem fôlhas hi vem/ Não sabeis o que monstro procura?/ Não sabeis a que vem, o que quer?/ Vem matar vossos bravos guerreiros,/ vem roubar-vos a filha, a mulher!"

No Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, foram em maior número os crimes contra os índios praticados pelos referidos funcionários e cujas culpas estão sendo apuradas. Há doze comissões de inquérito investigando as doze unidades em Proteção aos Índios, no qual ao que se dividia o Serviço de tempo das realizações sertanistas e grandeza moral de Rondon o lema era: Matar, nunca; morrer, se necessário.

Em Guarita, no Rio Grande do Sul, houve tribos que passaram para a Argentina, fugindo de uma situação intolerável. Regiões nos três Estados referidos tiveram os seus pinheirais arrasados pelo SPI. Os destruidores destas riquezas florestais enriqueceram de parceria com os seus cúmplices, recebendo grossas comissões na venda de pinheiros por menos de metade do seu preço. Também em arren-

damento de terras fizeram-se grandes negociações.

Os crimes não se limitaram às desonestidades. Houve torturas, espancamento de crianças, prostituição, assassinatos, escravidão de índios em benefício dos algozes funcionários. Alugaram-se índios a fazendeiros. Obrigaram índios a espancar suas mães. Ameaçavam de morte as testemunhas de seus crimes.

A literatura a respeito de índios é abundantíssima entre nós. Ainda de certo modo recente, a documentada e atraente História da Paraíba, de Horácio de Almeida, no capítulo final de noventa páginas estuda os índios do nordeste brasileiro.

Na carta de Pero Vaz de Caminha ao monarca lê-se: "Pera o melhor fruto que nela (a terra) se pode fazer me parece que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar". O escrivão da frota em 1.500 viu com olhos que tantos não tiveram através dos séculos.

Há anos, aqui no Rio de Janeiro, assisti a uma palestra de um índio, homem moço, elegantemente vestido, de palavra fluente. Fora retirado, quando menino, por uma família que o educou, de um aldeamento de indígenas. Era professor de latin.